

Vozes do Douro: A importância da História Oral na recuperação de memórias

Â n g e l a C a m p o s *

A temática do Douro: Por onde começar?

Falar da Região do Douro e do sistema do Vinho do Porto faz-nos deparar com uma encruzilhada de possibilidades. Indiscutivelmente, ambas as realidades dispõem grandes apresentações. Contudo, para além das vinhas, das quintas, do ritual imemorial das vindimas, da beleza serena das suas paisagens, o Douro é, sobretudo, as suas gentes, o entrecruzar das vidas e histórias que lhe dão corpo, vida, substância. Algures por entre a azáfama do quotidiano de um sistema e de uma região que não param, revelando-se em constante evolução e crescimento – para além do habitual negócio dos vinhos, note-se, por exemplo, o incremento do turismo rural e de cariz histórico, a implementação do enoturismo, os esforços pela dinamização cultural de âmbito local –, encontram-se as histórias daqueles que viveram e construíram o Douro de outros tempos. Uma região que assistiu a profundas mudanças nas últimas décadas.

‘Douro – uma História Oral’: contextualização do projecto

Neste sentido, a história do Douro é um património riquíssimo ainda com muito por revelar: as vindimas, a vinificação, a agricultura, o negócio do vinho do Porto, a vida e saberes da sua população e muito mais. Grande parte dessa história reside na memória viva das gentes que constituem esta região. É neste contexto que surge o projecto de investigação ‘Douro – uma História Oral’, sob a

* Licenciatura em História (FLUP), Mestrado em História Contemporânea (University of Sussex, Brighton, Inglaterra), Doutoranda em História (University of Sussex, Brighton, Inglaterra).



Horácio Cardoso, 79 anos,
natural de Queimada

Eulália de Jesus, 93 anos,
natural de Queimada

Olívia Cristão, 91 anos,
natural de São João da Pesqueira



Albano Fernandes, 85 anos,
natural de Ervedosa do Douro

Palmira da Conceição, 90 anos,
natural de Queimada

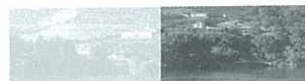
Herculano Igreja, 92 anos,
natural de Queimada

© 2008 Ângela Campos/GEHVID, FLUP

Montagem gráfica: Giles Rolleston

tutela do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), e com o propósito fundamental de efectuar a recolha e preservação de memórias orais ligadas à região em causa. Em suma, visa a elaboração de uma História Oral do Douro.

De facto, é manifesta a importância do estudo da Região do Douro enquanto complexo social, histórico, económico e cultural, com especial destaque para a evolução do sistema do Vinho do Porto. Neste domínio, importa salientar que as memórias orais – e sua respectiva recolha e preservação – adquirem uma maior relevância no actual contexto de modernização e quebra da transmissão de saberes



e técnicas tradicionais associados à Região do Douro, particularmente no que se refere ao sistema do Vinho do Porto.

Actualmente, é essencial que uma abordagem à História Contemporânea contemple as histórias de vida e fontes biográficas semelhantes. Assim, urge que o estudo da Região do Douro na Época Contemporânea seja complementado pela recolha de fontes orais. O projecto em causa utiliza a metodologia da História Oral, que consiste na recolha de memórias pessoais através de entrevistas gravadas em formato áudio. Fundamental para a compreensão do passado mais recente, é a História 'viva' das experiências de vida únicas de cada indivíduo. É através delas que a História Oral permite traçar uma imagem mais rica e completa do passado, não tão dependente das fontes escritas, explorando aspectos da realidade histórica que normalmente não são documentados.

Não obstante a sua ampla utilização a nível internacional nas últimas décadas, a disseminação da História Oral no contexto português encontrar-se-á, porventura, um pouco aquém das expectativas, tendo em conta a riqueza do nosso 'património cultural intangível' – para utilizar, neste ponto, a terminologia oficialmente adoptada pela UNESCO. De facto, a História Oral revela-se indispensável à manutenção deste património cultural na sua diversidade de práticas, representações, expressões e saberes próprios. Através da recolha de fontes orais, emerge a possibilidade de compreender melhor como determinadas comunidades se inserem num dado ambiente, numa dada região, simultaneamente moldadas pela natureza, pela História, e pelo próprio grupo humano que as constitui, entre outros aspectos. Compreender a interacção desses factores é encontrar um sentido de identidade e continuidade. Neste âmbito, o estudo da Região do Douro na Época Contemporânea, enquanto todo impossível de homogeneizar, presta-se a – exige, até – esta inclusividade a nível de fontes históricas. As fontes orais permitem, sem dúvida, complementar a História desta região de forma alargada, inovadora, dinâmica. É este o objecto da História Oral: apresentar uma História das comunidades vivida e contada na primeira pessoa pelos seus intervenientes.

Mais especificamente, no que a este projecto de investigação diz respeito, a realização de entrevistas de História Oral, e a frequente recolha e/ou documentação (fotográfica, por exemplo) de outros materiais relevantes têm permitido uma aproximação a este tema, bem como a salvaguarda de parte de um importantíssimo património histórico-social. De facto, após a publicitação do projecto em jornais e outros órgãos locais de informação, e junto de alguns indivíduos e instituições-chave, o âmbito geográfico e a amostragem de participantes nesta investigação têm vindo a assumir forma. Até ao momento, participaram indivíduos oriundos de várias

localidades do distrito de Viseu, nomeadamente de dois dos treze municípios que constituem a Região Vinhateira do Alto Douro: Armamar e São João da Pesqueira. O propósito desta amostragem é constituir um grupo representativo do complexo sócio-histórico duriense das últimas décadas, tornando possível a reflexão sobre as temáticas da sua História mais recente.

De facto, há que ter em conta que, salvo qualquer incidente inesperado, em qualquer momento, e sempre que necessário, é possível recorrer a arquivos e a outra documentação (tanto privada, como oficial ou institucional) para efectuar um cruzamento de fontes com as fontes orais. É essa a natureza das fontes inertes, quando correctamente preservadas: permanecem à nossa disposição. É a finitude temporal do ser humano, pelo contrário, que justifica a urgência da recolha de testemunhos orais e similares.

Pretende-se, assim, com esta investigação, dar voz aos indivíduos que, de diversas formas, se encontram ligados a esta Região e sistema, procurando estabelecer novos significados entre experiência pessoal e transformação histórica e social ocorridas na zona geográfica em questão. Resumindo, este projecto visa um maior conhecimento das gentes e saberes da Região do Douro, especialmente no que se refere à segunda metade do século XX e ao sistema do Vinho do Porto, tendo em vista uma avaliação das transformações económicas, sociais e culturais que aí tiveram lugar.

Saber ouvir as ‘vozes do Douro’

Onde encontrar estas vozes do Douro? Quem são? Note-se que, embora existam entre nós, os potenciais entrevistados não são imediatamente perceptíveis. São pessoas, na maioria dos casos, com idades superiores aos 70 anos, algumas já quase centenárias, e muitas residentes em zonas rurais remotas. Levam-nos ao passado, àquilo que constitui a herança sócio-cultural duriense, o traço identitário de uma região. Através das suas palavras, esse Douro de décadas passadas do século XX desenha-se perante os nossos olhos. Embora ancorados no presente, somos transportados no tempo por intermédio destes relatos, apaixonantes na sua riqueza expressiva. Relatos que são igualmente singulares, originais, por não se contarem com frequência entre as fontes mais utilizadas pela historiografia portuguesa tradicional.

Importa salientar que os indivíduos até agora entrevistados para este projecto, quase todos analfabetos ou com escolaridade muito baixa, não enquadram temporalmente os seus testemunhos com a precisão cronológica específica do mundo



académico e erudito. Não referem datas precisas, reportam-se à sua experiência de vida. Os marcos temporais são o momento em que começam a trabalhar, em que deixam a escola, a morte de um familiar, o regresso de alguém emigrado, o casamento, a viuvez, entre muitos outros eventos do foro pessoal. Com menos frequência, surgem menções a acontecimentos da vida política nacional e internacional, como, por exemplo, 'os anos depois da guerra [II Guerra Mundial], 'quando veio o Salazar', e 'depois do 25 de Abril [de 1974]'. Tendo em conta que todos os indivíduos até agora entrevistados se situam numa faixa etária igual ou superior aos 80 anos, as memórias pessoais relatadas estendem-se, na sua maioria, até à década de 20 do século XX.

Debrucemo-nos, então, mais detidamente sobre alguns dos temas que emergem das entrevistas efectuadas. Um aspecto muito predominante em todos os discursos refere-se à escassez material, particularmente à falta de alimentos e de meios. Por exemplo, quando perguntei como se vivia no passado, a Sr.^a D.^a Eulália retorquiu 'Sabe Deus! Cheios de fome, uma miséria...', explicando que 'às vezes [comiam] *larota* [...]: queria-se comer e não havia [risos]!'¹ Já o Sr. Horácio, referiu que 'lá fomos governando a vida, com muita fome, com muita dificuldade', concluindo que 'dantes a vida era muito triste [...] era muita fome, Deus me livre! [...] Não havia carne, não havia bacalhau, não havia nada [...] Comíamos todos do mesmo prato, não é como agora'.² Praticamente todos os indivíduos entrevistados até ao momento enfatizaram a dureza da falta de alimentos, as necessidades suportadas. Tal como menciona o Sr. Albano: 'No meu tempo em que me eu criei, era tempo de fome, de miséria, que não havia nada.'³

Recuamos a uma época em que o trabalho infantil era uma realidade incontornável em muitos lares. A importância do trabalho dos filhos, nestes casos, era vital para a economia familiar. A Sr.^a D.^a Olívia recorda-se de ter ido 'para o sulfato devia ter nove anos certos'.⁴ A sua função era levar cântaros cheios de sulfato aos homens que trabalhavam nas vinhas. Quanto ao Sr. Herculano, tinha cerca de sete anos quando o pai o tirou da escola para ir trabalhar na lavoura. O Sr. Albano, aos onze anos 'andava com uma trouxa às costas a cartar pedra'.⁵ Com catorze anos, já podava. O Sr. Horácio lembra-se de quando 'íamos acartar pedra com uma trouxa nas costas [...] para a gente ganhar uns tostões para comer alguma coisa

¹ D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

² Sr. Horácio Cardoso., entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

³ Sr. Albano Fernandes, entrevistado por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 22 de Julho de 2008.

⁴ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

⁵ Sr. Albano Fernandes, entrevistado por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 22 de Julho de 2008.

[...] nós ainda pequenos, cheios de fome.⁶ Tal como relata o Sr. Herculano, era fundamental para as famílias poderem contar com a mão-de-obra das crianças, fonte de aumento do rendimento familiar: 'Os ganhos foram mais tarde, quando eles [filhos] começaram a trabalhar.'⁷

Sem dúvida, estas situações laborais propiciavam uma notória baixa escolaridade, sendo que a maioria dos entrevistados nem chegou a concluir a 4.ª classe, tendo terminado o seu percurso escolar ao fim de dois ou três anos. Alguns não sabem ler nem escrever, ou fazem-no com muitas dificuldades.

Outro aspecto que se evidencia no decurso das entrevistas é a dura realidade de uma elevadíssima mortalidade infantil. Praticamente todos os entrevistados perderam vários irmãos. Morriam, sobretudo, à nascença, ou enquanto crianças, durante os primeiros anos de vida. A Sr.ª D.ª Eulália elucida-nos: 'Outros ao nascerem, outros morriam já grandinhos, e só ficámos quatro [de doze irmãos].'⁸ A Sr.ª D.ª Olívia testemunha esta mesma realidade, afirmando: 'naquele tempo morriam muito, coitadinhos.'⁹

Os entrevistados mencionam, igualmente, a sua visão das desigualdades sociais da época, particularmente no que se refere à relação existente entre patrões e empregados. O Sr. Horácio é peremptório, afirmando que 'era uma escravidão [...], muitos enriqueciam porque roubavam o suor aos pobres'. Conta-nos que, nas conversas entre os trabalhadores, muitas vezes se afirmava que os patrões eram 'uns ladrões, eles sem trabalharem, comem melhor do que nós, como é que nós vamos viver?' Relembra, ainda, aquele patrão ríspido que justificava o mau tratamento dado aos trabalhadores dizendo-lhes que, "'Vós já não nascestes para serem bem tratados."¹⁰ Vários entrevistados dão como exemplo de exploração o facto de, no caso de ter de haver uma interrupção dos trabalhos devido à chuva, o trabalho efectuado até então não ser remunerado. A Sr.ª D.ª Palmira recorda esses tempos: 'Aqui [localidade de Queimada, concelho de Armamar, distrito de Viseu] só havia quatro ricos, que esses é que não faziam nada, e é que a gente andava a trabalhar só para essa gente [...], a segar o pão para os ricos.' A entrevistada esclarece que 'a vida era muito triste naquele tempo, trabalhava a gente aqui, com os patrões,

⁶ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

⁷ Sr. Herculano Igreja, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 22 de Outubro de 2008.

⁸ D.ª Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

⁹ .ª Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

¹⁰ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.



que mal davam de comer às pessoas, e era trabalhar muito, muito, muito'. Patrões esses que 'eram muito agressivos, só queriam que a gente trabalhasse muito'.¹¹

Nesses tempos, dizem-nos os entrevistados, os salários eram muito baixos. Era difícil alimentar a família com o que se ganhava. Em muitos casos, os rendimentos quase não cobriam o valor da renda da casa. A Sr.^a D.^a Eulália recorda-se de receber 2\$00 por dia. Outras pessoas recebiam apenas alguns tostões nessa altura. Nestas condições, pela ausência de meios, era muito difícil fazer face a uma situação de doença ou velhice. A Sr.^a D.^a Eulália explica que 'quem trabalhava, comia, quem não trabalhava, passava *larota*, andavam a pedir'.¹² A solidariedade familiar, substanciada na junção de esforços dos diferentes membros do agregado, adquiria particular importância neste contexto de (ainda) ausência de assistência social estatal. A centralidade da vida familiar nestas circunstâncias de escassez poderá ilustrar-se com uma canção que o Sr. Horácio recorda ouvir a sua mãe cantar aos filhos, à lareira: 'Nana, nana, meu menino, que a mãezinha logo vem/Foi lavar os cueirinhos à fontinha de Belém/A fontinha estava seca, foi lavá-los mais além/Minha mãe é pobrezinha, não tem nada que me dar/Dá-me beijos com carinhos, com vontade de chorar'.¹³

Um aspecto sempre presente nos discursos é a evidência da acentuada migração e emigração. Ao longo de diferentes gerações, diferentes foram os destinos que acolheram as pessoas da região. Se, sobretudo no tempo dos pais de vários entrevistados, o Brasil era o destino mais apetecível, foram surgindo, igualmente, outras opções, como Espanha, ou Porto e Lisboa, entre outras cidades portuguesas. O Sr. Horácio recorda-se de que algumas pessoas 'iam a Espanha segar [...] desertavam aqui a terra e iam'.¹⁴ De igual modo, a Sr.^a D.^a Olívia menciona que 'quando queriam melhor vida, uns iam para o Brasil, outros iam para o Porto, outros iam para Lisboa'.¹⁵ Não esqueçamos, contudo, que durante o Estado Novo a liberdade de movimentos era controlada, tornando mais difícil a emigração. Sobre este aspecto, o Sr. Horácio explica-nos que: 'era muita gente, naquele tempo, Salazar não deixava ir ninguém para fora, era preciso passaportes, comia-se tudo aqui uns aos outros, a fome assim surgiu [...]. Poucos saíam daqui porque o Salazar não deixava sair [...] iam daqui para ali, era preciso passaporte, não era livre'.¹⁶ Neste contexto,

¹¹ D.^a Palmira da Conceição, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 18 de Agosto de 2008.

¹² D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

¹³ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

¹⁴ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

¹⁵ D.^a Olívia C.ristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

¹⁶ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

a ida para locais mais próximos, na zona do Douro, tornava-se a alternativa mais viável, de acordo com a sazonalidade dos trabalhos. Por exemplo, para as quintas da zona do Pinhão, onde muitos trabalhadores permaneciam ‘às vezes aos dois meses inteiros.’¹⁷ Mais tarde, nas últimas três décadas, sobretudo, surgem novos destinos. A França, por exemplo, bem como a Austrália e a Inglaterra. O Sr. Albano, acerca desse assunto, revelou-nos que ‘eu, o tempo que estive de caseiro, havia de estar na França [...] *Beaucoup de l’argent!* Ganhava-se lá bom dinheiro, aqui era uma miséria, compreende?’¹⁸

De facto, para uma significativa maioria dos habitantes destas zonas rurais, inserida no alargado complexo da Região do Douro e do sistema do Vinho do Porto, o ritmo anual de trabalho era marcado, entre outras actividades, pelas exigências da vinha, dos olivais, da vindima em si. O Sr. Horácio lembra-se de que ‘íamos para o Douro duas horas a pé.’¹⁹ Partiam da aldeia de Queimada, muitas vezes com destino à Régua, a cerca de vinte quilómetros de distância.

Os entrevistados evocam o cenário da profusão de actividades que desempenhavam. Desde o dessaibramento, à descava, à aplicação de sulfato ou enxofre nas vinhas, à poda, à enxertia, ao granjear e mondar, até à apanha da azeitona. Explicam os diferentes salários e trabalhos atribuídos a homens e mulheres. Normalmente, os trabalhos mais pesados eram realizados pelos homens, mas, com alguma frequência, homens e mulheres efectuavam as mesmas tarefas em conjunto. Regra geral, as rogas tinham lugar na praça principal da localidade. Aí, os feitores ou rogadores escolhiam os melhores trabalhadores, levando-os para as quintas aonde iriam ficar, muitas vezes durante várias semanas. A vindima é, certamente, o ponto alto do ano. As coloridas descrições apresentadas pelos entrevistados revelam a azáfama destes trabalhos: o corte das uvas, o transporte em cestos, auxiliado pelas burras, até ao lagar. De seguida, o pisar das uvas, quase sempre actividade exclusiva dos homens. Mais tarde, no caso dos vinhos generosos, a sua lotação. Por vezes, o acrescentamento de baga para o vinho ficar mais escuro. Em alguns casos ainda, a feitura dos chamados ‘vinhos a martelo’ – que se dizia à socapa saírem ainda melhores do que aqueles que eram feitos sem recurso a qualquer artifício! Por ocasião destes trabalhos, os trabalhadores pernoitavam nos cardanhos. Normalmente, homens e mulheres eram separados. As instalações não primavam pelo conforto nem pela higiene mas, tal como afirma a Sr.^a D.^a Eulália, havia ‘mantas de burel, junça

¹⁷ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008

¹⁸ Sr. Albano Fernandes, entrevistado por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 22 de Julho de 2008.

¹⁹ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.



do rio, e ninguém morria!²⁰ Vários entrevistados salientaram que, com o passar do tempo, as condições melhoraram. Os cardanhos eram espaços de convívio, de conversas sobre os padrões, de troca de confidências, até de cortejamento. Após um árduo dia de trabalho ou aos Domingos, o período de descanso, após a refeição, era preenchido por cantares e danças. O Sr. Horácio relembra esses tempos: 'Isso na vindima era uma alegria, havia aí bailes até à meia-noite, a dançarem [...], a cantarem, enfim, pronto, era uma alegria muito grande.'²¹ As cantigas reflectiam o modo de vida desses tempos, expressavam as preocupações de quem as cantava, como pode verificar-se pelo seguinte exemplo: 'Fui ao Douro à vindima/Não sei que vindimar/Vindimaram-me as costelas/Foi o que lá fui ganhar.'²² De igual modo, os entrevistados mostram-se conscientes da evolução tecnológica de que as actividades referidas foram palco. Antigamente, não havia máquinas. Daí, segundo os entrevistados, os trabalhos serem mais rigorosos: demoravam mais tempo e requeriam maior esforço. No entanto, a Sr.^a D.^a Olívia chama a atenção para algo na vinha que a tecnologia ainda não conseguiu simplificar: 'Só o que é pior é a poda, a poda é que tem de ser sempre feita na mesma.'²³ Quase todos os entrevistados referem-se com saudade aos tempos em que eram jovens e fortes, capazes de desempenhar estas tarefas. A Sr.^a D.^a Olívia, por exemplo, embora tenha trabalhado no campo até aos 75 anos, confessa com emoção que 'ainda hoje tenho muitas saudades, gostava muito do trabalho da vinha'.²⁴

Estas entrevistas constituem, igualmente, importante manancial informativo sobre o tipo de alimentação facultado à época aos trabalhadores. Os entrevistados mencionam o caldo, a sardinha, as azeitonas, o arroz ou massa com feijão, a côdea de pão. Para beber, um copo de vinho, água-pé ou simplesmente água do rio. Em alguns casos, existia a 'relva', prática que consistia na distribuição rotativa pelos trabalhadores da comida que sobrasse a cada refeição. Sobre este tema, a Sr.^a D.^a Olívia afirma: 'Coitadinhos de nós, a nossa merenda era pãozinho e uns figos, ou umas azeitonas!'²⁵

Outro aspecto deveras marcante nas narrativas dos entrevistados é a importância assumida pelo lazer na vida comunitária. Não obstante a fome, e todas as dificuldades, praticamente todos os entrevistados recordam com nostalgia as facetas

²⁰ D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

²¹ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

²² Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

²³ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

²⁴ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

²⁵ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

que a sociabilidade adquiria nessa época. O Sr. Horácio relembra que, ainda que fossem muitas as carências, era ‘tudo contente, todos contentes; faziam para aí no dia 29 de Junho [...] umas festazitas [...], vinha uma música daqui de umas terras vizinhas, saía a procissão, dava a volta ao povo, de tarde era baile, a música a tocar, tudo alegre’, acrescentando que ‘quando era [...] no São João à noite, os vizinhos [...] juntavam-se todos nas ruas, faziam fogueiras de São João, cantavam [...], era uma alegria [...], de Verão, punham-se a contar histórias, assim nas ruas consoante era nos vizinhos.’²⁶ A Sr.^a D.^a Eulália emite uma opinião semelhante, ao afirmar: ‘Divertíamos-nos, cantávamos e dançávamos [...]’. Eu passei uma mocidade bonita, mas cheia de trabalho [...] Tocavam um realejo, um harmónico, a guitarra, dançávamos.’²⁷ Vários entrevistados sublinham o facto de considerarem que essa alegria de viver se perdeu com o avançar dos tempos. A esse respeito, a Sr.^a D.^a Olívia afirma que ‘era muita alegria, o povo era mais unido, era mais humilde e mais unido’²⁸, opinião partilhada pelo Sr. Horário, que refere que ‘hoje não, hoje há mais dinheiro e não fazem nada disso.’²⁹

Os testemunhos dos entrevistados reflectem, igualmente, as regras claras e precisas – ainda que meramente implícitas – para o convívio e relacionamento entre os sexos, revelando as estratégias de cortejamento. Imperava a necessidade de uma conduta respeitável, cumpridora de todos os preceitos da moral, do decoro, dos bons costumes. O estigma social das mães solteiras ou das raparigas que perdiam a virgindade constituía um pesado fardo para as jovens e suas famílias, podendo fazer cair por terra a sua futura sustentabilidade financeira. Era fundamental levar a noiva à igreja ‘honestamente’. A este propósito, o Sr. Herculano, na juventude conhecido pela alcunha de ‘pardal’ devido ao seu temperamento ‘namoradeiro’, recorda com exactidão as palavras que a mãe lhe dirigiu quando tinha cerca de vinte anos: ‘Aí de ti que enganes uma rapariga! Nunca mais cá entras em casa!’.³⁰

Os entrevistados transportam-nos, ainda, ao imaginário popular e às tradições orais da Região do Douro. Nesta área, marcada pela emigração, não surpreende que os entrevistados associem a ideia de abundância ao território brasileiro, destino de muitas gerações durienses: ‘Agora está-se no Brasil!’, afirma, por exemplo, a Sr.^a

²⁶ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

²⁷ D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

²⁸ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

²⁹ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

³⁰ Sr. Herculano Igreja, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 22 de Outubro de 2008.



D.^a Eulália.³¹ De igual modo, a realidade da emigração para esse território continua plasmada em várias das cantigas recordadas durante as entrevistas, como é o caso, por exemplo, da quadra mencionada pela Sr.^a D.^a Olívia: 'Brasil, terra de enganar/Quantos lá vão enganados/Cuidam que vão buscar riqueza/Vão lá ficar sepultados.'³² Outras imagens permanecem gravadas na memória dos respondentes. Por exemplo, o Sr. Herculano recorda com toda a nitidez aquela tarde (provavelmente) de 1923 em que o pai regressou inesperadamente do Brasil, carregado com grandes malas contendo, entre outras coisas, frasquinhos de água de cheiro, festejando o regresso à aldeia 'a tocar pelo povo fora' com uma caixa de música, seguido em cortejo pela família e vizinhos.³³ Outras personagens povoam a memória sócio-cultural desta região. Por exemplo, a presença inglesa nas quintas do Douro surge na história popular contada pelo Sr. Horácio, cujo enredo inclui uma senhora inglesa rica que oferecia uma 'grande quinta' a quem lhe salvasse o marido enfermo, transformando-se a morte em madrinha do médico a que recorre.³⁴ Ao longo das entrevistas, os entrevistados partilham cantigas, quadras, orações, adivinhas, histórias, demonstrando a força da transmissão oral nesta região. Explicam que os indivíduos de localidades distintas ensinavam cantigas diferentes às pessoas das localidades onde efectuavam trabalhos. Assim, por exemplo, em São João da Pesqueira aprendia-se as cantigas de quem vinha de Lamego, e vice-versa. A Sr.^a D.^a Olívia, que confessou não conseguir trabalhar sem cantar, afirma que 'sei um saco de cantigas e ainda mais um guardanapo!'³⁵ A Sr.^a D.^a Palmira, por seu turno, revelou que, ainda hoje, todos os dias, diz a longa oração que a avó lhe ensinou quando tinha dez anos, há precisamente oitenta anos.

Quando questionados acerca do Douro dos dias de hoje, todos os entrevistados são unânimes na resposta: actualmente, vive-se melhor. Com algumas ressalvas, contudo. Vive-se melhor particularmente a nível material, afirmam. De facto, 'mudou para muito melhor, que dantes também era uma escravidão', refere o Sr. Horácio, explicitando que 'quanto à alimentação, mudou muito para bem, mas quanto ao viver, mal, dantes era mais alegria, iam para o Douro, iam a cantar, chegavam a cantar, agora não.'³⁶ A Sr.^a D.^a Eulália expõe o seu ponto de vista: 'Dantes havia fome [...], era uma miséria [...] *passemose-as* boas, e agora, olha, já está tudo bem.'

³¹ D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

³² D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

³³ Sr. Herculano Igreja, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 22 de Outubro de 2008.

³⁴ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

³⁵ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

³⁶ Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, a 31 de Março de 2008.

Exclama, no entanto: 'Quem me dera nesses tempos!'. Questionada sobre o porquê dessa vontade, declara: 'Era nova e andava por lá!'³⁷ Para todos, as mudanças são evidentes a qualquer nível. A Sr.^a D.^a Olívia, a esse propósito, afirma até que 'nesta zona, mudou tudo, faz de contas que é como a cobra que larga a pele.'³⁸ 'Hoje é ouro, minha senhora!' refere, por sua vez, o Sr. Albano.³⁹ A Sr.^a D.^a Palmira recorda que 'antigamente, queria a gente comer e não tinha nada, e os filhos andavam descalços na rua, e rotos.' No fim da entrevista, deixa uma mensagem às actuais gerações: 'Que sejam felizes agora, mais do que nós fomos primeiro...'⁴⁰

Entretanto, interrompa-se, por ora, esta breve incursão pelo Douro de outros tempos, contado através das palavras de quem o viveu – e vive. É possível atestar a riqueza destes testemunhos através dos breves excertos apresentados. Estas narrativas pessoais permitem-nos aceder a uma multiplicidade de perspectivas sobre o passado desta região: falam-nos da escassez económica, da migração e da emigração, dos árduos trabalhos agrícolas, da música e do lazer, dos hábitos alimentares, das estratégias de sociabilidade – espelham até uma certa nostalgia relativamente a esses tempos de dificuldades, mas 'alegres'.

Sem dúvida, poder-se-á afirmar que ninguém conhece melhor esta Região ou este sistema do que estes indivíduos. Importa saber ouvi-los. Num procedimento característico da História Oral – a procura de novos significados – pretende-se, enunciando o conceito de A. Portelli⁴¹, efectuar a ligação entre Biografia e História. Em suma, a aproximação dos indivíduos aos processos históricos e sociais que experienciaram, ocasionando-se uma reflexão crítica. Deste modo, a interpretação de histórias individuais é transposta por uma análise histórico-social do tema sob consideração. É neste contexto que o projecto de investigação 'Douro – uma História Oral' é manifestamente conducente a uma ampla avaliação das transformações económicas, históricas, sociais e culturais ocorridas na Região do Douro, sobretudo no que se refere às últimas oito décadas.

Saber escutar estas vozes é compreender melhor o passado, estabelecendo pontes com o presente. A nossa ligação afectiva ao passado adquire vida, traça-se

³⁷ D.^a Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 11 de Junho de 2008.

³⁸ D.^a Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 21 de Julho de 2008.

³⁹ Sr. Albano Fernandes, entrevistado por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, a 22 de Julho de 2008.

⁴⁰ D.^a Palmira da Conceição, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, a 18 de Agosto de 2008.

⁴¹ Ver obra de Alessandro Portelli mencionada na secção 'Bibliografia'.



no contacto presencial com outro ser humano. Compreendemos melhor este passado pelo prisma de outro indivíduo com uma história vivida para contar. São estas as vozes da nossa História. Uma História 'viva', passado presente no meio de nós.

Bibliografia

Publicações

- Counce, S. *Oral History and the Local Historian*, Longman, 1994.
- Charlton, T., Myers, L. E., e Sharpless, R. (eds.) *Handbook of Oral History*, Altamira Press, 2006.
- McMahon, E.M. and Rogers, K.L. (eds.) *Interactive Oral History Interviewing*, Lawrence Erlbaum, 1994.
- Montenegro, A. T. *História oral e memória. A cultura popular revisitada*, Contexto, 2001.
- Perks, R. and Thomson, A. (eds) *The Oral History Reader*, 2.ª edição, Routledge, 2006.
- Ritchie, D. A. *Doing Oral History: A Practical Guide*, 2.ª edição, Oxford University Press, 2003.
- Portelli, A. *The Battle of Valle Giulia: Oral History and the Art of Dialogue*, University of Wisconsin Press, 1997.
- Soeiro, Teresa et al. *Viver e saber fazer. Tecnologias tradicionais na Região do Douro. Estudos preliminares*, Fundação Museu do Douro, 2003.
- Thompson, P. *The Voice of the Past: Oral History*, 3.ª edição, OUP, 2000.
- Yow, V.R. *Recording Oral History. A Guide for the Humanities and Social Sciences*, 3.ª edição, Altamira Press, 2005.

Testemunhos orais

- Sr. Horácio Cardoso, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, concelho de Armamar, distrito de Viseu, a 31 de Março de 2008.
- D.ª Eulália de Jesus, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, concelho de Armamar, distrito de Viseu, a 11 de Junho de 2008.
- D.ª Olívia Cristão, entrevistada por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, concelho de São João da Pesqueira, distrito de Viseu, a 21 de Julho de 2008.
- Sr. Albano Fernandes, entrevistado por Ângela Campos em S. João da Pesqueira, concelho de São João da Pesqueira, distrito de Viseu, a 22 de Julho de 2008.
- D.ª Palmira da Conceição, entrevistada por Ângela Campos em Queimada, concelho de Armamar, distrito de Viseu, a 18 de Agosto de 2008.
- Sr. Herculano Igreja, entrevistado por Ângela Campos em Queimada, concelho de Armamar, distrito de Viseu, a 22 de Outubro de 2008.

